

CURSO DE FORMAÇÃO SINDICAL

“AVALIAÇÃO ESCOLAR”

25 de abril de 2012

* Luis Carlos de Menezes

A escola é uma instituição pública e é como instituição que deve ser avaliada. É múltipla função da escola de ensino fundamental, sendo que pelo menos três diferentes dimensões pautam seu trabalho: a de acolhimento, a de cuidado e a de desenvolvimento. Lamentavelmente, somente a dimensão desenvolvimento tem sido valorizada na escola e, o que é mais grave, com ênfase exclusiva no desenvolvimento cognitivo, deixando de lado aspectos essenciais, a exemplo do sócioafetivo.

Em decorrência dessa limitação, não somente as escolas, mas também e até especialmente seus alunos têm sido avaliados em função do conhecimento desenvolvido/adquirido, ou seja, subestimando os demais componentes formativos. Essa avaliação do cognitivo é, certamente, uma importante indicação do desempenho escolar que jamais pode ser ignorada, mas, na verificação da formação do estudante e, particularmente, na da escola em que se forma, é preciso levar em conta o conjunto das práticas utilizadas e das oportunidades oferecidas, das condições físicas e das vivências culturais. Um aspecto que vale a pena ressaltar é que o desenvolvimento médio dos alunos precisa ser avaliado de forma diferencial, ou seja, de onde partiram e aonde chegaram, o que revelará que as escolas que estão "para trás" não são, necessariamente, ruins, mas podem ser boas escolas, atuando em condições mais difíceis.

Dessa forma, nas avaliações externas e na avaliação ou autoavaliação institucional, o desempenho dos escolares em provas é um parâmetro importante, sem dúvida, mas deve ser acompanhado de outros como: o relacionamento da escola com a comunidade e com as famílias dos estudantes, a formação continuada de seus professores como parte do projeto pedagógico efetivamente praticado, a forma como são conduzidos os conselhos de classe e de escola, as instâncias de apresentação de sugestões ou queixas e as formas de resolução de conflitos; os procedimentos para identificação e tratamento de condições especiais, a exemplo de ritmos de aprendizagem discrepantes da média.

Enfim, a avaliação escolar não deve ter um único componente – a avaliação cognitiva dos escolares (isso precisa ser conceitualmente compreendido), mas deve ser igualmente traduzida em uma nova cultura de avaliação, associada aos projetos pedagógicos que, igualmente, prezem e promovam as diferentes funções formativas que a sociedade espera das escolas.

* Luis Carlos de Menezes, físico e educador na Universidade de São Paulo (USP)



SINPEEM
SINDICATO DOS PROFISSIONAIS EM
EDUCAÇÃO NO ENSINO MUNICIPAL-SP